

ÁREA INDÍGENA DE UTIARITI

CEDI - P. I. B.
DATA 04, 09, 86
COD NAD 43

A área indígena Utiariti foi criada pelo decreto presidencial nº 89.259 de 28/12/1983, estando demarcada administrativa - mente pela FUNAI. Atualmente não há notícias de invasores na área.

Localiza-se no município de Diamantino, na confluência dos rios Sacre e Papagaio que formam seus limites norte, leste e oeste. É colada à área indígena de Tirecatinga no seu limite oeste e à reserva indígena Parecis no seu limite sul. Seu limite leste encontra com a fazenda Satélite e com a fazenda Califórnia. (Ver mapa anexo).

Dessa área só a aldeia do Sacre será objeto deste relatório. Os outros aldeamentos existentes estão incluídos nos relatórios referentes à nação Parecis.

A entrada da estrada de acesso fica a 195 kms. de Cuiabá e a 255 kms. de Tangará da Serra, pela rodovia MT-170. Da entrada até o rio Sacre são 20 kms. de estrada sem pavimentação, estreita, com passagens difíceis de transpor, que formam "areíões" de até 1 km. de extensão. O rio é atravessado por uma balsa presa a um cabo de aço, em mau estado, apresentando pouca segurança para a entrada e saída de veículos. Atravessando o rio Sacre, a aldeia localiza-se a uns 500 metros: são nove casas enfileiradas nos dois lados da estrada que continua em direção à Utiariti.

Dessas casas, de paredes de barrotes, duas águas e divisão interna entre cozinha/área social e quarto de dormir, 6 são moradias dos índios, uma é escola/local de culto religioso, outra é local de moradia do missionário. A última é a farmácia e moradia da atendente de enfermagem e da professora.

A área constitui-se em território de ocupação imemorial da nação Parecis. Porém, o estabelecimento da Missão Anchieta (desde 1935 no Juruena, mudando-se em 1945 para Utiariti) e sua atuação na região atraiu para suas proximidades vários grupos tribais incentivando casamentos entre eles.

Rinaldo Sérgio Viana Almeida
Dez. 1985

Após o fechamento do internato (1970) e a gradativa desativação do posto de MIA, a maior parte dos índios retornou a seus próprios territórios, restando alguns que acabaram constituindo essa aldeia do Sacre e a Aldeinha (2 casas) em Utiariti, na reserva de Tirecatinga.

A ALDEIA DO SACRE

O fundador da Aldeia do Sacre é o Sr. Damião, índio Parecis nascido em Sucuriuna, maloca que existia a 2 kms. do rio do Sangue.

Gravitando em torno das estações da linha telegráfica e o posto da Missão em Utiariti, o Sr. Damião mudou-se respectivamente para o Formoso, depois para Água Limpa, para o Rio do Sangue. De lá, a convite de Pe. Edgard (missionário já falecido) mudou-se para o Bacaval e em seguida para o posto da missão em Utiariti. Lá trabalhou cerca de dois anos com os padres. Mudou em seguida para o Tolosa onde ficou um ano. De lá, convidado pelo seu compadre Aristides Iranche foi morar na aldeia do Cravari. Como sua filha a doeceu mudou de novo para Utiariti, na época em que o internato estava sendo desativado (1970) quando, então, Pe. Henrique lhe indicou este lugar para morar, 18 anos atrás. Inicialmente estabe leceu-se com sua família e mais uma família de índios Iranche, nes te mesmo local ao lado da estrada para Utiariti. Ponto de passa -gem obrigatório de todo o movimento da Missão na região, essa al deia sempre teve uma grande flutuação populacional, adquirindo sô recentemente as características de uma verdadeira aldeia, isto é, formando uma comunidade de moradores integrados em atividades eco nômicas, políticas e sociais duradouras.

Só a família do Sr. Damião (parecis) se encontra desde o início. A outra família fundadora mudou-se anos atrás, assim como outras que se estabeleceram por tempo variável, abandonando por fim o local. Com o crescimento e casamentos de seus filhos é que a população cresceu e se estabilizou. Das 6 famílias/casas existentes, quatro são formadas pelos filhos do Sr. Damião. Um de seus filhos (Antônio) exerce a função de cacique e é casado com mulher Nhambiquara, outro de seus filhos é casado com mulher fruto de casamento anterior de Iranche/Kayabi. Das filhas, uma é casada com Iranche, outra com Canociro. Além desses existe uma família de Iranche casado com Parecis e uma família de Nhambiquara, vindo de Tirecatinga, que se mudou para lá este ano.

CARACTERÍSTICAS GERAIS, POPULAÇÃO, SAÚDE, EDUCAÇÃO

Os habitantes da aldeia do Sacre (situada na área indígena Utiariti) e os da "aldeinha" (situada ao lado da sede abandonada da M.I.A. em Utiariti, na reserva de Tirecatinga) ligaram-se por laços de parentesco e de cooperação no trabalho. Por isso essas duas aldeias, apesar de situadas em reservas diferentes (mas contíguas: 16 kms. de uma aldeia a outra) devem ser consideradas como uma unidade, para efeito de avaliação da situação local e planejamento das medidas de auxílio e proteção.

A população da aldeia do Sacre é de 32 pessoas e a da "aldeinha", 12, configurando uma população total de 44 pessoas, com uma média de 5,5 habitantes por casa, em geral habitadas por famílias nucleares.

Dado o grande número de casamentos intertribais, a língua falada é o português, apesar de muitos adultos ainda dominarem seu próprio idioma. Ainda mantêm certas práticas tribais comuns aos grupos indígenas da região (cooperação no trabalho entre genros e sogro, certos alimentos como o beijú e chicha, etc.) e sintetizam outras (interinfluências no artesanato por exemplo). No geral, porém, aproximam-se bastante das práticas culturais da população regional, mantendo amizade e convivência principalmente com os empregados das fazendas vizinhas. Aos domingos costumam ser visitados por estes, à tarde jogam futebol e mais tarde dançam ao som de canções gaúchas saídas do toca discos de um dos peões. Entre essas duas atividades, quando tem bastante gente, fazem celebração religiosa na escola, adornada com um cartaz de Nossa Senhora pregado na parede.

Alguns tocam violão: música gaúcha ou cânticos religiosos falando de Jesus, Natal e índios, ensinados desde o tempo do internato em Utiariti e reforçados por novas músicas de fundo religioso captadas pela professora, que se compraz em ensiná-las às crianças.

SAÚDE

As doenças mais comuns são a gripe, desintéria e verminose. Recebem vacinação da Missão e, na ocasião de nossa visita foram vacinados contra febre amarela pela SUCAM.

Pouco usam a medicina tradicional dependendo bastante de medicina ocidental.

São atendidos por Ivone, atendente índia com curso em Diamantino e, nos casos graves levados por Pe. Arlindo para Diamantino ou para a chácara ambulatório da FUNAI em Cuiabá. Existe também atendimento em Utiariti (aldeinha), feito pela Maria, atendente Parecis hoje já contratada pela FUNAI. Além de diagnosticar e aplicar tratamento nas doenças mais comuns, também realiza partos e arranca dentes (começa a aprender a fazer dentaduras). Ela e seu marido (Vicente, Rikbáktsa, chegou em 1978 para morar em Utiariti) assumiram tomar conta do Hospital que ali funcionava. Era completo, mas muita coisa foi vendida, sendo desativado gradativamente ficando hoje apenas como um local de atendimento e farmácia.

Depois de 1970 a maior parte do equipamento da Missão de Utiariti (trator de esteira, caminhão, serraria, máquinas de marcenaria, descascadeira de arroz, gado, etc) foi sendo retirada. Até 1975 ainda davam cursos de mecânica, tratorista, operador de rádio, marcenaria e de saúde. De 1975 em diante só de atendente de saúde. O último foi em 1983 e, de lá para cá cessaram praticamente todas as atividades da Missão no local. Dos missionários ficou apenas o Pe. Arlindo, que em geral fica na aldeia do Sacre, quando não está se movimentando pelas várias aldeias que atendeu ou entre estas e Cuiabá ou Diamantino.

Este ano ocorreram as primeiras mortes na aldeia do Sacre. Faleceram duas crianças, uma de três meses de idade, de pneumonia e uma recém nascida.

Apesar de melhor atendidos do que os Iranche a área de saúde ainda apresenta problemas. Deveriam ter um tratamento odontológico de melhor qualidade (falta acompanhamento/visitas de dentista e equipamento adequado) e meios de locomoção para o transporte de doentes graves. Necessário também um combate mais efetivo à verminose.

Essa área deveria ser atendida pela E.V.S. pelo menos duas vezes ao ano e receber regularmente uma cota de medicamentos da FUNAI.

As instalações do Hospital deveriam ser recuperadas, equipando-o novamente e contratando pelo menos mais um profissional da saúde.

Sua localização é excelente podendo se transformar num centro de atendimento regional dos grupos tribais mais próximos.

EDUCAÇÃO

Depois do fechamento do internato o trabalho em educação nunca mais funcionou regularmente. Existe escola na aldeia do Sacre mas, segundo os índios, não funciona na maior parte do tempo.

No momento de nossa visita a escola estava funcionando. A professora, de Tangará da Serra, se propõe a alfabetizar todas as crianças no prazo de três meses e daí voltar para a cidade.

De manhã funciona uma classe, basicamente alfabetização, com 11 crianças. De tarde, 1 classe com 6 alunos, mais velhos e com algum conhecimento anterior. De noite, alfabetização para 8 adultos.

Apesar de conhecer os índios há algum tempo (é visitada por eles quando vão a Tangará da Serra), da dedicação e boa vontade (trabalha nos três turnos) a proposta educacional apresenta pouca sensibilidade para com a realidade cultural do grupo, que é ignorada ou vista negativamente nos aspectos que diferem de nosso quadro de crenças ou valores.

É importante que se estabilize o funcionamento da escola, dentro de uma proposta educacional mais adequada e sistemática.

É necessário contratação de professor e fornecimento regular de material escolar.

ATIVIDADES PRODUTIVAS E AUTONOMIA POLÍTICA

O tipo de solo é o mesmo encontrado na área Iranche: na sua maior parte arenoso, com manchas argilosas e matas ciliares ao longo dos cursos d'água. A não ser nas manchas mais férteis e num primeiro plantio, é sempre necessário muito calcário e adubação para correção da acidez e da baixa fertilidade do solo.

Para a subsistência fazem roças "de tóco" mudando o local de plantio a cada dois anos em média. Plantam milho, arroz, mandioca (mansa e brava), cana-de-açúcar, feijão, batata, cará, banana, abacaxi, etc. Usando o moinho da M.I.A. em Utiariti produzem melado, açúcar e rapadura. Da mandioca fazem farinha e massa para beijú.

As famílias fazem roças individuais (cooperação no trabalho entre genros e sogro), algumas criando galinhas. A comunidade faz roça coletiva, organizada pelo cacique, em geral usando o trator dos Iranche e arcando com os gastos de manutenção. Muitas vezes, porém, o trator não está disponível, atrasando ou impossibilitando o trabalho na escala planejada. Em 1984 produziram 60 sacos de arroz, suficiente para o ano todo.

A caça atualmente é rara em virtude da ocupação e desmatamento da região. O peixe, apesar de relativamente escasso, ainda é pescado com anzol e timbô.

Não comercializam o produto das roças. Tem como fonte de renda monetária (necessária para a compra de inúmeros produtos de nossa sociedade dos quais dependem: café, roupa, munição, óleo, etc.) a extração e comercialização da borracha (trabalho familiar). Em 1984 extraíram 1.000 kgs., em 1985, 1.200 kgs. As colocações de seringa situam-se entre 2 e 14 kms. ao redor da aldeia, distância percorrida a pé ou de bicicleta, seu meio de transporte mais comum e com o qual cobrem grandes distâncias.

A borracha é comercializada em Tangará da Serra ou Cuiabá pelo missionário, acompanhado dos índios.

A alimentação não é muito abundante e carece de proteínas, pela escassez de carne. A área tem pastagens naturais, esparsas. Utiariti já teve uma invernada grande, chegando a criar 2.000 cabeças de gado. Até hoje existe uma pastagem de quase 30 ha. mas o

gado não existe mais: foi uma parte distribuído para as tribos ao re dor e o resto levado para outro local pela Missão.

O "poder" político da aldeia do Sacre, a chefia, está nas mãos dos Parecis, sendo o chefe atual um dos filhos de Sr. Damião, Antônio. A aldeia possui autonomia política relativa, de vez que depende do missionário para o transporte e comercialização da borracha e transporte dos doentes. Dependem também da boa vontade e da disponibilidade dos Iranche para o uso do tratrator, o que nem sempre existe nos momentos necessários.

De qualquer forma dizem não admitir interferência aberta do responsável pela Missão, reafirmando a todo momento que eles é que decidem a respeito de seus assuntos internos. Não querem o estabelecimento de posto nem funcionário da FUNAI na área (permitiram somente a próxima instalação de um rádio da FUNAI, operado por eles), querendo sua ajuda apenas do exterior da área. Com isso pretendem se manter numa maior autonomia e independência em relação à Missão, à FUNAI e às outras tribos vizinhas.

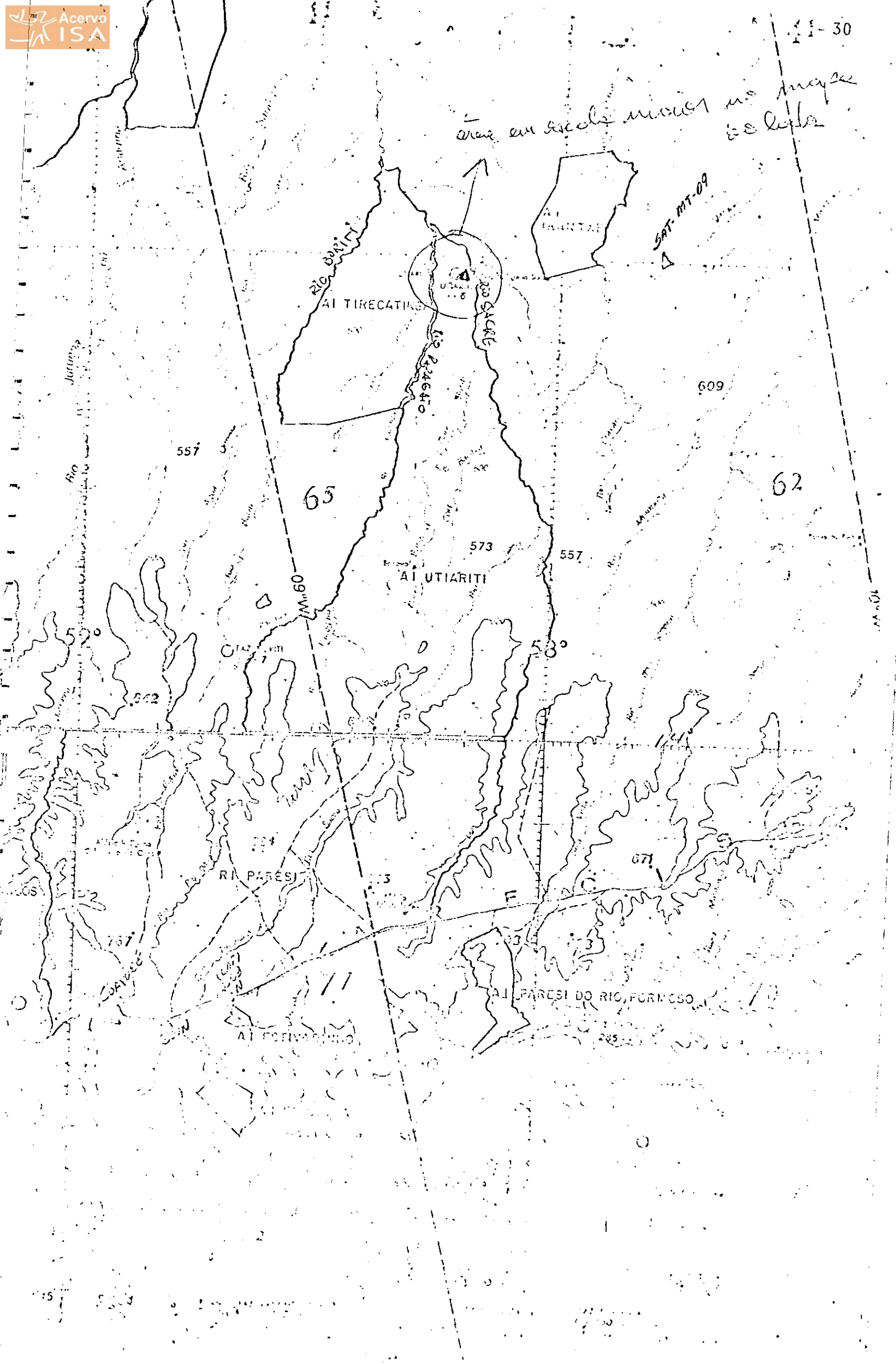
Com os Iranche mantêm boas relações, até por vezes de ajuda no trabalho (trator). Com a "aldeinha" de Utiariti, como já foi descrito, mantêm relações orgânicas. Porém, a relação com os Halotezu (Nhambiquara de Tirecatunga), anda meio tensa. Estes, por força da situação de grande carência em que se encontram há muito tempo, pediram à FUNAI que montasse um posto na aldeia deles: com chefe de posto, escola, enfermaria e funcionários correspondentes aos serviços requeridos, dispensando a Missão de atuar entre eles. Os índios da aldeia do Sacre entenderam esta atitude como uma espécie de "traição" à Missão e aos sacrifícios que ela fazia por eles, "esfriando" um pouco as relações.

NECESSIDADES DA ÁREA - ALDEIA DO SACRE E "ALDEINHA"

De acordo com a situação da área e as reivindicações das aldeias, as necessidades da área são as seguintes:

1. Seria importante possibilitar as condições para um bom desempenho econômico com a compra de um trator (por ex. um igual dos Iranche, Massey Ferguson 250) com todos os implementos: lâmina, grade, carreta, niveladora, plantadeira e câmaras de ar sobressalentes.
2. Precisam de um veículo para transporte de doentes e comercialização da borracha, existindo índios com carta de motorista. Como a população é pequena talvez um só veículo seja o suficiente: um caminhão pequeno (F-4000) ou uma camionete Toyota.
3. Recomendável a criação de gado, tem experiência e alguma pastagem natural. Pedem 50 cabeças de gado e 2 reprodutores.
4. Formação de pasto: sementes, veneno e bombas de borri-ficação. Plantio de 8 ha. de arroz: semente, adubo , calcáreo e veneno.
5. Três animais de sela: 2 éguas e um reprodutor, com ar-reios.
6. 2 moto serras, média e profissional.
7. Engenho de cana com motor Yamaha, para produção de me-lado, açúcar e rapadura.
8. 4 tachos grandes para melado.
9. 2 caititus.
10. Reforma do Hospital de Utiariti e seu aproveitamento como centro de saúde regional.
11. Cota regular de medicamentos.
12. Visitas regulares da E.V.S., pelo menos duas vezes ao ano.
13. Contratação de Ivone (Parecis) como atendente de en-fermagem, função que exerce sem remuneração.
14. Regularização da escola, fornecimento de material es-colar.

area em saculo morto no meado do curso



RIO BONITO

AI TIRECATINS

AI UTIARITI

RIO PRETO

AI UTIARITI

AI PARESIS

AI FORMADOR

AI PARESIS DO RIO FORMOSO

SAT. MT-09

557

63

573

557

609

62

562

580

67

68

69

70

71

72

73

74

75

76

77

78

79

80

81

82

83

84

85

M. 60

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO - DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA E COMUNICAÇÕES
DIRETORIA DE SERVIÇO GEOGRÁFICO
REGIÃO CENTRO-OESTE DO BRASIL - 1:250.000

58°30' W. GREENWICH

340 350

360

370

380

390

58°00'

400

410

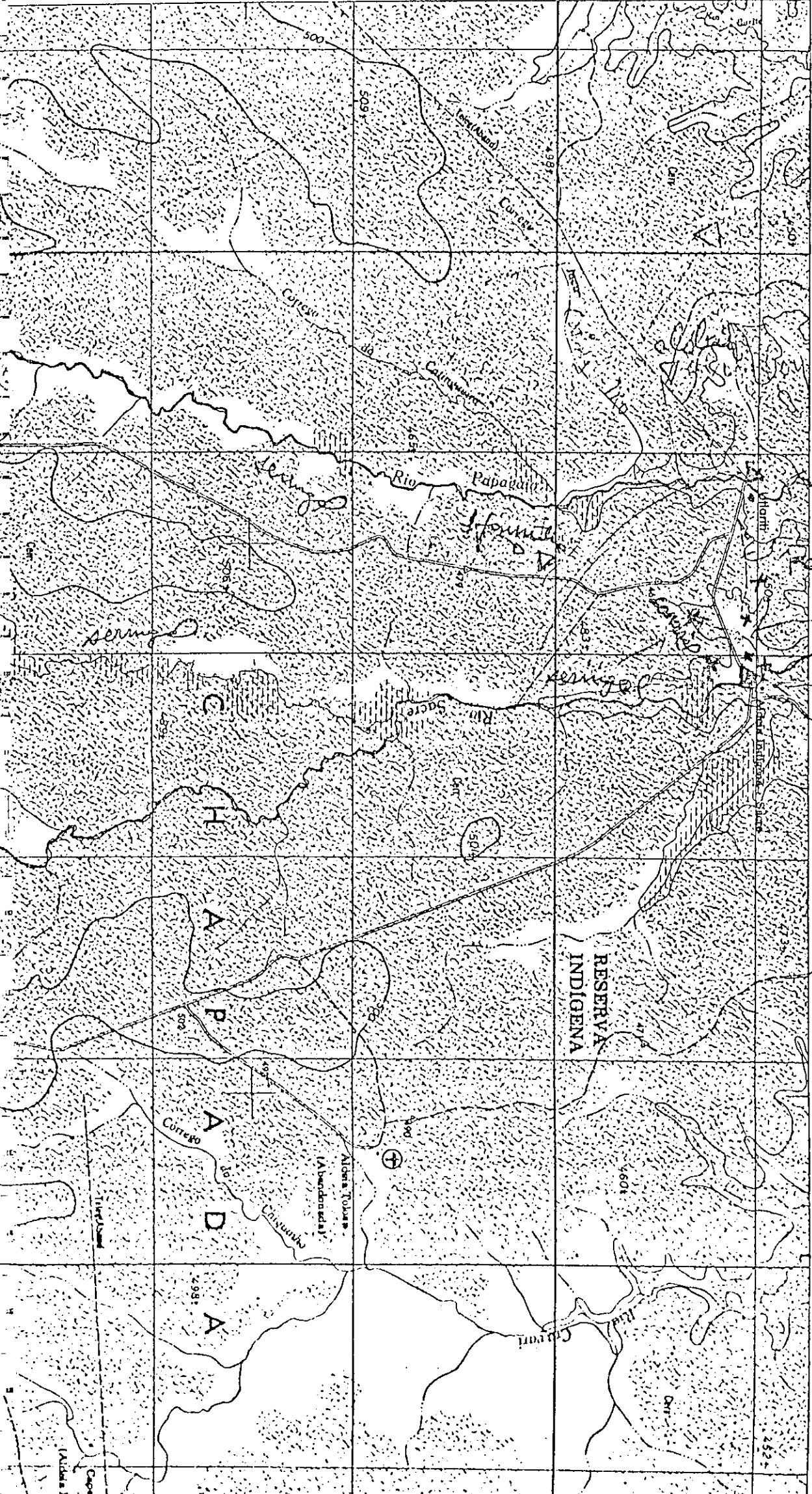
3330

15

340

350

360



PORTO FELIZ 30 KM

PORTO FELIZ 67 KM



AS ALDEIAS

Além da "aldeinha", já tratada na parte anterior do relatório, a área abriga atualmente três aldeias Halotezu: a aldeia do Buracão, a aldeia dos três Jacús e a aldeia Caititu.

A entrada da área se faz através da aldeia do Sacre.

Desta percorre-se 16 kms. até alcançar o rio Papagaio, onde se atravessa numa balsa em péssimo estado, necessitando de urgente reforma.

Na outra margem do rio localizam-se as instalações abandonadas e em semi-ruína do posto da Missão. Ao lado destas, separadas por uns 300 metros, estão as duas casas que compõem a Aldeinha.

Daí, seguindo a linha telegráfica alcança-se a aldeia do Buracão (37 kms.) e, por fim até a aldeia Caititu anda-se mais 25 kms.

A aldeia dos 3 Jacus fica numa variante da linha telegráfica num ponto equidistante uns 25 kms. das outras duas aldeias. Existe ainda uma família na aldeia Mané do Mato, mas de mudança para a aldeia do Buracão. (Ver localização no mapa).

Os Halotezu mudam suas aldeias de lugar com uma certa frequência, além de passarem parte do ano em acampamentos provisórios nos locais de extração de borracha.

Em 1983, por ocasião de nossa primeira visita à área, sua aldeia principal (Tirecatinga) localizava-se a uns 30 kms. de Utiariti e preparavam-se para mudar para mais perto do posto, construindo outra aldeia a uns 10 kms. deste.

Dois anos depois, 1985, estas duas aldeias estão abandonadas e a Aldeia do Buracão está sendo construída. Essas mudanças fazem parte de seu padrão tradicional de povoamento e obedecem à procura de melhores lugares para a roça e abertura de novas estradas de seringa, que passaram a extrair desde 1975.

Algumas famílias tem parentes entre os Nhambiquaras de Serra Azul, com os quais mantêm relações visitando-os ou recebendo visitas que por vezes duram meses.

Em 1978 uma família Iranche/Terena que habitava a Aldeinha passou a viver com os Nhambiquaras, integrando-se no grupo através de casamentos.

SAÚDE

Os Halotezu são tidos por curandeiros e conhecidos dos usos da flora local. Mantém seu conhecimento das práticas curativas tradicionais, existindo no grupo pelo menos três xamãs.

Porém reconhecem a necessidade da medicina ocidental no que se refere ao combate das "doenças de branco".

Alguns deles fizeram cursos de enfermagem na Missão, aliando os conhecimentos tradicionais com os da medicina ocidental. Na aldeia são atendidos pelo cacique Ciro, xamã e atendente, que está aprendendo a diagnosticar as doenças mais comuns e aplicar também medicamentos de nossa sociedade.

Podem contar também com Maria, a atendente da Aldeinha e, nos casos mais graves são levados pelo Pe. Arlindo para a Chácara ambulatório da FUNAI em Cuiabá. Porém, queixam-se bastante do abandono a que estão relegados no atendimento de saúde. Por exemplo, contam que uma mulher doente esperou transporte da Missão de junho a outubro deste ano, não sendo atendida. Apelaram então para os funcionários do P.I. Bacaval, mais de 100 kms. ao sul, para enfim a mulher ser socorrida.

Em que pese o possível exagero em relação ao tempo de espera, a verdade é que o atendimento dos doentes em estado grave é realmente ineficaz. O responsável pela Missão na área, com um só veículo, deve atender três áreas indígenas, com várias aldeias, abrangendo um raio de mais de 100 kms. de estrada precárias.

Antes da instalação do rádio da FUNAI em outubro deste ano, os Nhambiquaras deviam percorrer 56 kms. de bicicleta, atravessando longos "areões" para alcançar a aldeia do Sacre local, mais próximo para se conseguir socorro. Muitas vezes não encontram o missionário ou a camionete não está em condições de uso, ficando entregues à própria sorte, ou dependendo do socorro que as fazendas vizinhas possam prestar.

É de se surpreender que nesse contexto apresentem um estado de saúde melhor do que o dos Iranche. Provavelmente isso se deva em grande parte aos conhecimentos da medicina tradicional em uso.

Uma equipe da FUNAI visitou a área em outubro (Comunicação de Serviço 130/NP/5a. D.R. de 10/09/85) constatando a seguinte si

tuação nos casos atendidos:

Infecção respiratória leve	- 2
Infecção respiratória moderada	- 1
Verminose	- 5
Distúrbios Neurológicos	- 1
Distúrbios Ginecológicos	- 1
Conjuntivite	- 1
Arteriosclerose	- 1
Lombalgia	- 2

É recomendável que se instale pelo menos uma enfermaria na área, de preferência na Aldeia do Buracão, a mais populosa.

EDUCAÇÃO

Mantém sua língua própria, havendo grande número de pessoas que também fala o português regional, se bem que com certa imprecisão. Alguns (5 ou 6) chegaram a estudar no posto da Missão, em sistema de externato aprendendo a ler e escrever razoavelmente. Um deles chegou a fazer curso de tratorista, algum tempo atrás, num colégio da Missão.

Hoje em dia já não existem mais os cursos da Missão e não existe escola na área... Com a crescente complexidade das relações que estabelecem com a sociedade nacional os Nhambiquara reivindicam com grande empenho a necessária instalação de uma escola na aldeia do Buracão e a contratação de um professor.

ATIVIDADES PRODUTIVAS

Para a subsistência fazem roças "de t \hat{o} co", familiares e comunitária. Plantam 3 tipos de mandioca, milho, araruta, batata doce, cará, banana, algodão, cana-de-açúcar, abacaxi, fava, abóbora, arroz, fumo e urucum.

Dedicam-se à coleta de buriti, bacava, cajú, mangaba, jabu ticaba do mato, mel e vários outros produtos nativos. Caçam tatu, paca, cotia, veado, caititu e aves. As crianças, com atiradeiras, costumam matar pequenos pássaros. A pesca é pouco praticada.

A terra, como nas áreas Iranche e Utiariti, apresenta baixa fertilidade. Costumavam plantar nas matas ciliares, mais férteis, mudando a aldeia de lugar à medida em que a terra ao redor se esgotava.

A partir de 1975 começaram a extrair borracha, sua única fonte de renda monetária, ao mesmo tempo em que o desmatamento na região se acelerava tornando a caça e a coleta cada vez mais difíceis.

Atualmente, os Halotezu tem evitado o desmatamento plantando somente nos campos e cerrados, de forma a proteger as seringueiras e a pouca caça que resta.

Dada a péssima qualidade da terra, a necessidade de preservação das matas e a falta de apoio, o produto de suas roças não tem sido suficiente para todo o ano. Grupo semi-nômade, tradicionalmente bastante dependente da caça e coleta, os Halotezu enfrentam hoje sérios problemas de alimentação. No mês de outubro, praticamente sem comida, foram socorridos pela FUNAI que conseguiu incluí-los no programa de merenda escolar do Estado, levando-lhes boa quantidade de alimento.

Este ano fizeram 6 roças familiares e prepararam mais ou menos 35 ha. de terra vermelha com calcário, para plantio de mandioca e arroz. Porém estava dependendo da Missão conseguir as sementes de arroz e para utilizar o trator para buscar rama de mandioca. Como o trator da Missão não veio e já estava passando à época do plantio, os índios foram de bicicleta até a fazenda

Satélite, a 60 kms. de distância, tentar conseguir o trator em -
prestado. Voltaram no mesmo dia com a notícia de que o trator vi
ria no dia seguinte, desde que eles pagassem o óleo diesel. No
dia seguinte o trator não apareceu e eles voltaram à fazenda ape
nas para descobrir que ele estava desarranjado e não poderia ser
usado. Quando saí da área esse problema ainda não estava resolvi
do e os índios estavam arriscados a passar fome de novo o ano
que vem.

A comercialização da borracha também enfrenta sérios obstá
culos. Até o início deste ano era comercializada em Cuiabá pelo
Pe. Arlindo, com o caminhão da Missão. Este descontava o combus
tível usado e trazia as mercadorias requeridas pelos índios. Os
Nhambiquaras reclamam que o caminhão foi vendido para reformar o
trator, que seria de uso comum das três áreas e eles acabaram
ficando sem um nem outro. Esporadicamente a Missão ainda comer
cializa a borracha, utilizando uma camionete que, com pouca capa
cidade de carga e requerida pelas três áreas raramente está dis
ponível. Como única alternativa os índios tem ido de bicicleta,
carregando 40/50 kg. de borracha, até o Salto da Mulher na área
Parecis, a 130 kms. de distância. Já chegaram a produzir 3 ton.
anuais de borracha (com todos esses obstáculos a produção caiu
este ano para cerca de 1 tonelada).

Em função destas dificuldades o grupo vem desde o início
do ano entrando em entendimentos com a FUNAI na tentativa de con
seguir apoio.

Em reunião na 5a. D.R. de Cuiabá em 25/04/85, com a presen
ça do cacique Ciro Tiarezu, seu filho Luis Campos, Geraldo Tere
na (aldeia Caititu), do agrônomo Luis Antônio de Araújo e do De
legado interino Odenir Pinto, foi elaborado um projeto, posteri
ormente encaminhado para a Asplan, na sede da FUNAI em Brasília.
Este projeto previa o apoio para a feitura de diversas roças, pa
ra formação de pastagem, cerca, curral e criação de gado, compra
de maquinário, veículos e equipamentos diversos, reforma, cons
trução de prédios e contratação de pessoal.

Os Halotezu tem cópia desse projeto e o discutimos conjun
tamente, ítem por ítem, tentando determinar as possibilidades prú

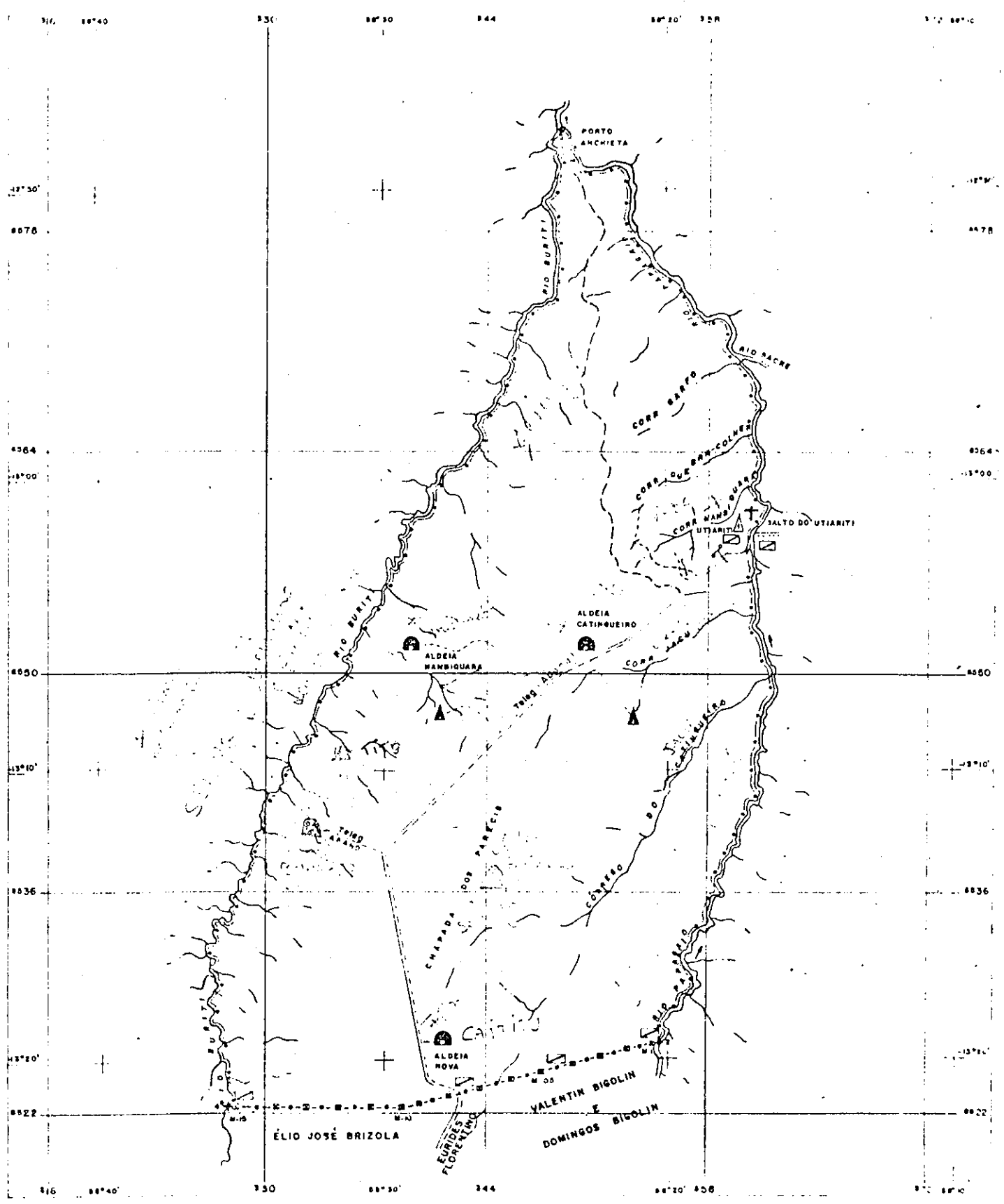
tica do aproveitamento efetivo de todos esses recursos pois, não se pode esquecer, estes investimentos exigem em contrapartida o engajamento de toda a comunidade em diversos processos de trabalho, a carretando bruscas mudanças no seu cotidiano.

A partir dessas discussões os índios resolveram cortar alguns itens do projeto para poder se dedicar com mais afinco e segurança no que seria mais fundamental e factível para o ano de 1986, findo o qual poderiam avaliar os resultados e estabelecer novas prioridades.

NECESSIDADES DA ÁREA

A partir da situação observada e descrita neste relatório e das discussões com os índios, seria fundamental para os Halotezu em 1986:

1. O estabelecimento de um posto da FUNAI, com escola, enfermaria equipada e funcionários correspondentes aos serviços requeridos.
2. Um rádio definitivo pois o que foi instalado está em caráter provisório.
3. Um veículo para transporte de doentes e para comercialização de borracha. Seria adequado um caminhão F-4000.
4. Um trator, com todos os implementos.
5. Construção de galpão, mini oficina e cota de combustível para os veículos.
6. Auxílio para a lavoura. Preparo de solos, sementes, mudas, calcário, adubo, veneno e bombas de borrifação para o plantio de: 20 ha. de arroz, 30 ha. de mandioca, 15 ha. de milho, 10 ha. de feijão, 4 ha. de banana e 8 ha. de cana-de-açúcar.
7. Auxílio para pecuária: formação de 30 ha. de pasto, curral e 10 km. de cerca de arame.
8. Melhorar o acesso à área com a reforma das duas balsas, uma no rio Sacre e a outra no rio Papagaio.



SINAIS CONVENCIONAIS

- ALDEIA INDIGENA • MALOCA INDIGENA
- MISSÃO INDIGENA
- PONTO DE EMERGÊNCIA
- LÍNEA TELEGRÁFICA
- LÍNEA DE RELEVAMENTO S.L.T.
- CAMP SITE
- TRILHA
- RUA
- CURSO D'ÁGUA PERMANENTE
- CURSO D'ÁGUA INTERMITENTE
- MARCO DE D-VISA
- PLACA INDICATIVA
- DIREÇÃO DE CORRENTE
- TERRA INDIGENA DEMARcada
- PONTO FOTOGRAFAMÉTRICO



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
 DIRETORIA DE PATRIMÔNIO INDIGENA - DPI

ÁREA INDÍGENA TIRECATINGA

DIAMANTINO		DEMARCAÇÃO	
ÁREA	130 575,196444	PERÍMETRO	100 184,04
VALOR	1 350 000	VALOR	1 350 000
MATO GROSSO 59 DR		1985/82	
TEC RESPONSÁVEL			
ESTABELECIDOR LUIZ MARIA LEZAR	ESTABELECIDOR ANTONIO DE OLIVEIRA ÁREA DE 500000 000	DIRETOR DA DPI	DIRETOR DA DPI

CONSIDERAÇÕES FINAIS: MISSÃO, FUNAI E COMUNIDADES INDÍGENAS

Como se pode perceber pela descrição da situação vigente nas áreas visitadas, o atendimento prestado pela Missão Anchieta está aquém das necessidades dessas comunidades tribais.

A mudança de orientação do trabalho missionário a partir dos anos 70, com o conseqüente fechamento do internato, foi um acontecimento positivo, de vez que a orientação anterior agia como um forte fator deculturação e desorganização das estruturas sócio-culturais dos povos atendidos. Porém, a quase completa desativação de outros serviços prestados pela Missão foi muito brusca, não levando em consideração as transformações já ocorridas nestes povos e o grau de dependência a que foram levados. Eles necessitam de melhores medidas de apoio e proteção.

Essa responsabilidade é também da FUNAI no que toca à sempre protelada demarcação da área Iranche. Além disso, até hoje não receberam os recursos do POLONOROESTE a que têm direito pelo fato de estarem localizados em sua área de abrangência. Por um lado, a FUNAI entende que sendo área da Missão as medidas de atendimento cabem a ela, parecendo dar a entender que os recursos do POLONOROESTE só seriam colocados a serviço dessas comunidades se nelas fossem instalados postos da FUNAI. Por outro lado, a Missão Anchieta reluta em aceitar qualquer serviço da FUNAI no interior das áreas em que atua.

No caso dos Nhambiquara/Halotezu, área que a FUNAI deve assumir conforme entendimento com os índios, esse problema parece estar resolvido. No caso da aldeia do Sacre (reserva Utia riti), da Aldeinha (reserva de Tirecatinga) e da área Iranche, a determinação dos índios em não permitir o estabelecimento de "posto indígena" deve ser respeitada, sem impedir o seu direito às medidas de proteção e auxílio que podem ser proporcionadas com os recursos do POLONOROESTE. A gerência desses recursos pode ser feita do exterior da área, em forma a ser combinada entre essas comunidades e a 5a. D.R. de Cuiabá.